



ERA UMA VEZ UM "SUPERMINISTRO"

Depois de falhar as suas promessas, Celso Correia começa a desmentir-se a si próprio

- No primeiro mandato (2015 – 2019) de Filipe Nyusi, o então Ministro da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural (MITADER) não precisou de muito tempo para se revelar como o "superministro" do Governo. Celso Correia era o ministro que aparecia para acudir o Executivo de Filipe Nyusi sempre que estivesse diante de um problema de maior repercussão política e social. Não interessava o problema, o "superministro" tinha poder e mandato para intervir em qualquer sector. Nas Finanças interveio com a iniciativa "Um Distrito, Um Banco" e na Saúde com "Um Distrito, Um Hospital Distrital". A lista das intervenções poderia continuar.



Tragédia na Lixeira de Hulene matou 17 pessoas e deixou mais de 270 famílias sem casas

Mas nos últimos tempos, a “estrela” do Governo de Filipe Nyusi começou a desvanecer. Celso Correia deixou de vestir a camisola de “maestro” do Governo de Filipe Nyusi e passou a concentrar-se no seu sector: o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural. Mais do que a aura de “superministro”, para trás ficaram muitas promessas por cumprir. Nos seus momentos áureos, Celso Correia prometia mais e fazia menos. E foi nessa lógica de promessas infundáveis que em 2015 apareceu a prometer que até finais de 2017, a Lixeira de Hulene, na Cidade de Maputo, estaria encerrada, e um aterro sanitário estaria a funcionar em Matlemele, na Cidade de Matola.

O aterro sanitário de Matlemele estava orçado em 60 milhões de dólares, dos quais 48,6 milhões seriam financiados pelo EximBank da Coreia do Sul, e os remanescentes 12,2 milhões pelo Governo de Moçambique. O projecto incluía o tratamento e reciclagem de resíduos sólidos e produção de energia a partir de biogás. O ano de 2017 terminou com a Lixeira de Hulene a receber todo o tipo de lixo e a representar um perigo à saúde pública. E em Matlemele, o espaço de 100 hectares identificado para a construção do aterro sanitário estava a ser invadido não por resíduos sólidos, mas por famílias que viam naquele enorme descampado inexplorado um lugar para fixar residências. Ou seja, o ano de 2017 terminou e as promessas de Celso Correia feitas em 2015 continuavam promessas.

E em Fevereiro de 2018 veio a tragédia de Hulene. Uma montanha de lixo desabou sobre várias residências construídas à volta da lixeira e causou a morte de 17 pessoas. Houve mais de cinco feridos e quase 270 famílias viram as suas casas destruídas, total e parcialmente. O lixo desabou na sequência das chuvas intensas que caíram naquela madrugada de 19 de Fevereiro de 2018. Mas a verdadeira causa da tragédia foi humana: o descaso das autoridades em encerrar uma lixeira que há décadas representa um perigo à saúde pública.



Celso Correia prometendo a conclusão do aterro de Matlemele até primeiro trimestre de 2019. À sua retaguarda, estão os edis de Maputo (David Simango) e da Matola (Calisto Cossa)

Com dezenas de famílias enlutadas e mais de duas centenas sem tecto, havia um problema pontual por resolver. E o “superministro” apareceu para acudir: anunciou que o Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural iria alocar fundos ao Conselho Municipal de Maputo para subsidiar as rendas de casas para as famílias que perderam as suas habitações. Cada família recebia 10 mil meticais, enquanto decorria a construção de casas definitivas no Distrito de Marracuene.

As casas deveriam estar prontas em 2019, mas os prazos sempre falharam. Tal como tem falhado a transferência de subsídio mensal de 10 mil meticais para as famílias pagarem a renda das casas.

Mas há outras coisas que falharam. Depois da tragédia, Celso Correia “actualizou” a promessa que tinha feito em 2015, dizendo que até primeiro trimestre de 2019 o aterro de

Matlemele estaria a receber os primeiros depósitos de lixo. Passam dois anos e em Matlemele não existe nada parecido com aterro sanitário. Em relação ao encerramento da Lixeira de Hulene, desta vez o “superministro” foi cauteloso, ao afirmar que o processo levaria no mínimo cinco anos e seriam necessários 110 milhões de dólares. O orçamento incluía o reassentamento de cerca de 550 famílias que vivem nas proximidades da lixeira. Desde 2015 a esta parte passam seis anos de eternas promessas. Hulene continua a receber lixo produzido na capital do País e em Matlemele não há nenhum aterro sanitário.

Celso Correia está ciente de que não cumpriu as promessas que fez enquanto Ministro da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural e não gosta que a imprensa o confronte com esse passado inglório. Esta semana, por exemplo, o agora Ministro da Agricultura e

Desenvolvimento Rural reagiu mal quando a Stv o confrontou com as promessas que fez em 2015. Aconselhou o repórter a visitar o arquivo da televisão, transmitindo a ideia de que em 2015 não prometeu o encerramento da Lixeira de Hulene e a conclusão de aterro sanitário de Matlemele para 2017. “Tem certeza da promessa? Vai ver a promessa como dever ser e depois faz a pergunta com solidez para não ser indutora de mensagens erradas”, foram as palavras do Ministro.

Na verdade, a reacção do Ministro é que induz a mensagens erradas. As pessoas pouco informadas sobre o assunto podem pensar que o governante nunca fez as promessas mencionadas pelo jornalista e que este não estava a ser profissional. Mas o facto é que nos arquivos da Stv está lá o Ministro a fazer promessas: “Faço votos de que encontremos-nos, e tenho a certeza de que assim vai ser, no final de 2017, não só na cerimónia de encerramento das lixeiras a céu aberto nas ci-

dades da Matola e Maputo, mas também na inauguração desta infra-estrutura (aterro de Matlemele) tão importante para Moçambique”¹. Na mesma cerimónia que decorreu em Matlemele em 2015, Celso Correia prometeu o seguinte: “É urgente encerrar aquela lixeira (Hulene) porque já gera problemas de saúde, é uma lixeira a céu aberto e queremos fechar nos próximos dois anos porque já não tem condições ambientais sustentáveis”.

Seis anos depois, o governante diz que só prometeu encerrar a Lixeira de Hulene, e não a construção de aterro sanitário de Matlemele. Mas as imagens do arquivo da Stv mostram o então “superministro” de Filipe Nyusi no terreno de Matlemele, ladeado pelos edis de Maputo (David Simango) e da Matola (Calisto Cossa), a prometer a conclusão da primeira fase do aterro até primeiro trimestre de 2019. Perante a insistência do repórter, Celso Correia admitiu que fez a promessa e, para justificar o seu falhanço, atirou as culpas às famílias

que reivindicam a titularidade de alguns terrenos que se encontram dentro do perímetro do futuro aterro sanitário de Matlemele.

E na tentativa de fugir das suas responsabilidades, Celso Correia disse na entrevista que não estava em condições de dar explicações detalhadas porque já não era o Ministro responsável pelo Ambiente. Mas o facto é que o projecto de construção do aterro sanitário de Matlemele sempre esteve na responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento Sustentável (FNDS), instituição tutelada por Celso Correia, tanto quando era Ministro da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural como actualmente como Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural. Quando saiu do Ministério da Terra e Ambiente em 2020, Celso Correia levou consigo o FNDS, um dos principais canais governamentais de recepção da ajuda externa depois da extinção do Apoio Directo ao Orçamento de Estado devido ao escândalo das “dívidas ocultas”.

¹ <https://www.opais.co.mz/promessas-cumpridas-poderiam-ter-evitado-a-tragedia-de-hulene/>



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: Emídio Beula
Autora: Emídio Beula
Equipa Técnica: Emídio Beula, Julião Matsinhe, Dimas Sinoa, Américo Maluana
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

Twitter: CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PROGRAMMATIC PARTNER



FINANCING PARTNERS

